

ANO 10 • Nº 204

28 DE JUNHO DE 2024

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014

**Grupo-Tarefa russo em Cuba:
impactos internacionais e a
questão geoestratégica**

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 204 • 28 de Junho de 2024

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Submarino “Kazan”, da Marinha da Rússia](#)

Por: Vasya21

Fonte: Goodfon.com

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Vice-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) José Luiz Ferreira Canela

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Prof. Dr. Rafael Zelesco Baretto (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontradas na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UERJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)
Luísa Barbosa Azevedo (UERJ)
Mariana Bastos Fraguito (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)
Rafael Henrique de Almeida Bandeira Araujo (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Gabriel Paradela Heil (UFRJ)
Kaike Ferreira Mota (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Amanda Maciel Fraga Montoiro (UFRJ)
Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Maria Victoria R. Scarlatelli de Menezes (KCL)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Nina de Almeida Bonifacio Pereira (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFSC)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UNIRIO)

RÚSSIA & EX-URSS

Gabriel Willian Duarte Constantino (UFRJ)
José Gabriel de Melo Pires (ECEME)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Manguera (PUC-Rio)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

TEMAS ESPECIAIS

Nathália Magalhães Macedo (UFRJ)
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

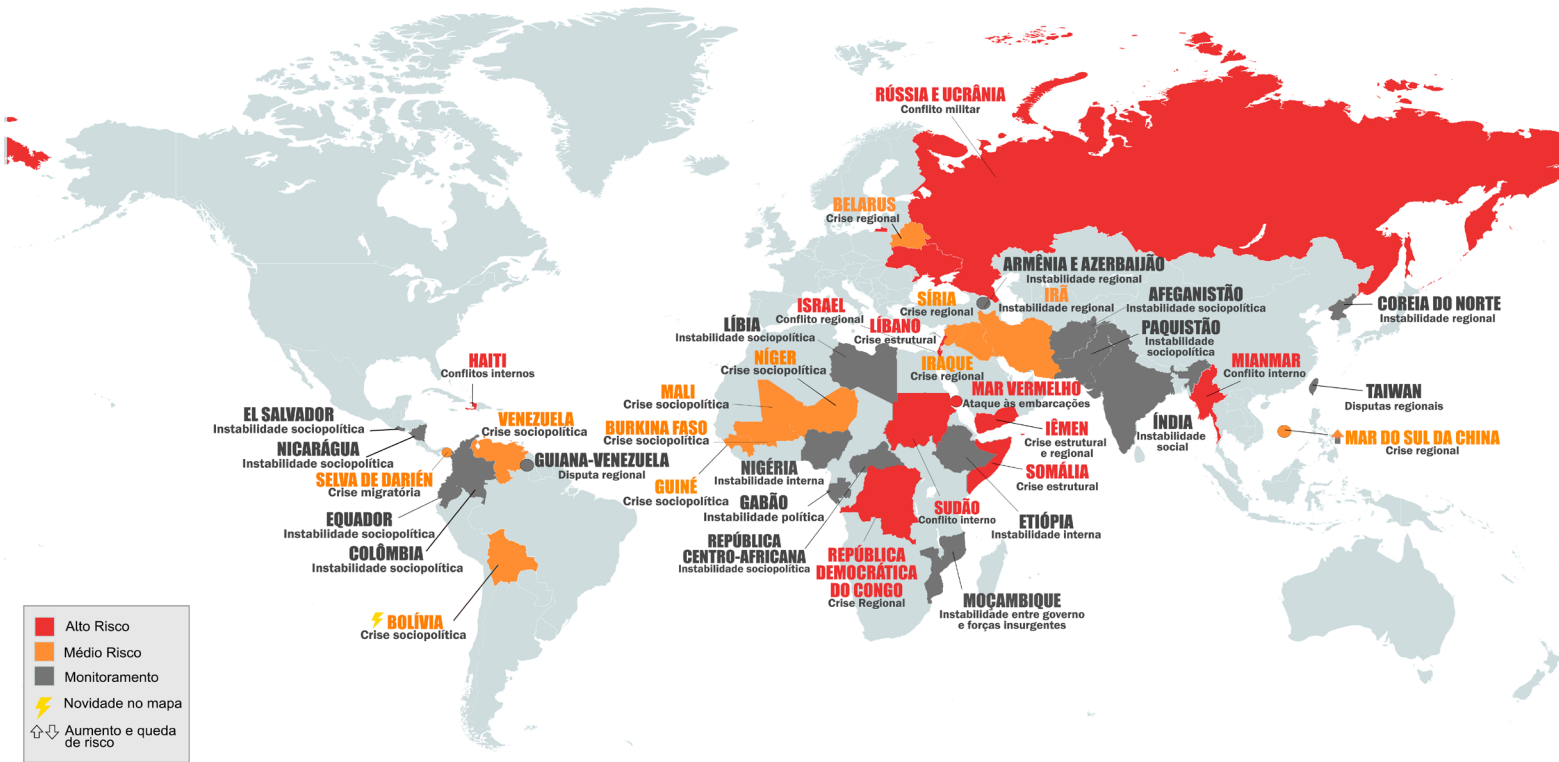


SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO		
Geopolítica do Estreito de Magalhães: dilema entre Chile e Argentina	5	Manutenção dos laços históricos: a visita de Putin a Pyongyang	11	
As estratégias do Equador para o combate ao narcotráfico	6	Japão e Coreia do Sul restabelecem cooperação na área de segurança após anos de tensões	12	
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA		
As eleições mexicanas e o impacto na relação com os Estados Unidos.....	7	Índia e Coreia do Sul na cooperação cibernética global	13	
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA		
“Obangame Express” 2024: um alerta sobre ilícitos marítimos no Golfo da Guiné	8	O AUKUS e a segurança marítima do Sudeste Asiático	14	
EUROPA		ÁRTICO & ANTÁRTICA		
O impacto das eleições europeias nas políticas de Segurança e Defesa do bloco	9	O incômodo chileno com os interesses russos na Antártica	15	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		TEMAS ESPECIAIS		
A importância de países emergentes: a Turquia poderá ser o novo membro do BRICS+?	9	O uso de Inteligência Artificial em armas nucleares	16	
RÚSSIA & Ex-URSS		Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa.....		17
As dificuldades de uma “paz ucraniana” dentro do contexto russo-ucraniano.....	10	Calendário Geocorrente.....		17
Grupo-Tarefa russo em Cuba: impactos internacionais e a questão geoestratégica	10	Referências.....		18
		Mapa de Riscos.....		19

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Kaike Mota



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19

Geopolítica do Estreito de Magalhães: dilema entre Chile e Argentina

Pedro Kilson

No dia 29 de abril de 2024, a Marinha argentina pôs em prática uma renovação de suas instalações na província de Tierra del Fuego, Antártica e Islas del Atlántico Sur, na fronteira com a região de Magallanes y Antártica Chilena. Trata-se de uma iniciativa público-privada voltada ao aperfeiçoamento das condições de habitabilidade, operatividade e sustentabilidade do *Puesto de Vigilancia y Control de Tránsito Marítimo* (PVYCTM, na sigla em espanhol) *Hito 1*. Entretanto, a medida gerou um incidente diplomático entre ambos os países, visto que uma instalação de painéis solares excedeu três metros para além da fronteira, avançando em território chileno. A situação foi confirmada pela *Dirección de Fronteras y Límites*, órgão vinculado à chancelaria chilena. Considerando-se o histórico geopolítico de controvérsias sobre o domínio do acesso ao Estreito de Magalhães, questiona-se se o impasse diplomático pode debilitar acordos binacionais e escalar uma tensão geopolítica, destacando a relevância histórica do estreito na política externa da região.

As instalações de ambas as Marinhas se encontram no norte da Isla de Tierra del Fuego, dividida entre Chile e Argentina, sendo que em torno de 61% da ilha pertence ao Chile. A região é considerada um ponto estratégico, uma vez que nela se encontra a margem leste do Estreito

de Magalhães, fundamental para a navegação bioceânica, entre o Atlântico Sul e o Pacífico Sul. Historicamente, as indefinições e ambiguidades dos limites territoriais culminaram no *Tratado de Límites* de 1881. Ao longo do século XX, o tratado suscitou interpretações divergentes, principalmente quanto à jurisdição da margem leste do estreito. De um lado, a Argentina temia que seu vizinho estendesse seu domínio para o Atlântico; de outro, o Chile temia que sua soberania fosse afetada caso a Argentina pudesse controlar a entrada do estreito. Após décadas de discussões e, inclusive, diante da possibilidade de um confronto armado na década de 1980, o *Tratado de Paz y Amistad* de 1984 conferiu ao Estado chileno total soberania sobre o Estreito de Magalhães, embora com algumas limitações que garantem a livre navegação de navios de todas as bandeiras.

O presidente chileno, Gabriel Boric, bem como a chancelaria do país, demonstra consternação quanto à possível pretensão argentina de questionar a soberania chilena em todo o estreito. Considerando-se que a controvérsia atual foi rapidamente solucionada, com a chancelaria argentina reconhecendo o erro e garantindo que os painéis solares seriam retirados, é improvável que as negociações e os acordos estabelecidos desde o século XIX sejam enfraquecidos por conta do incidente.



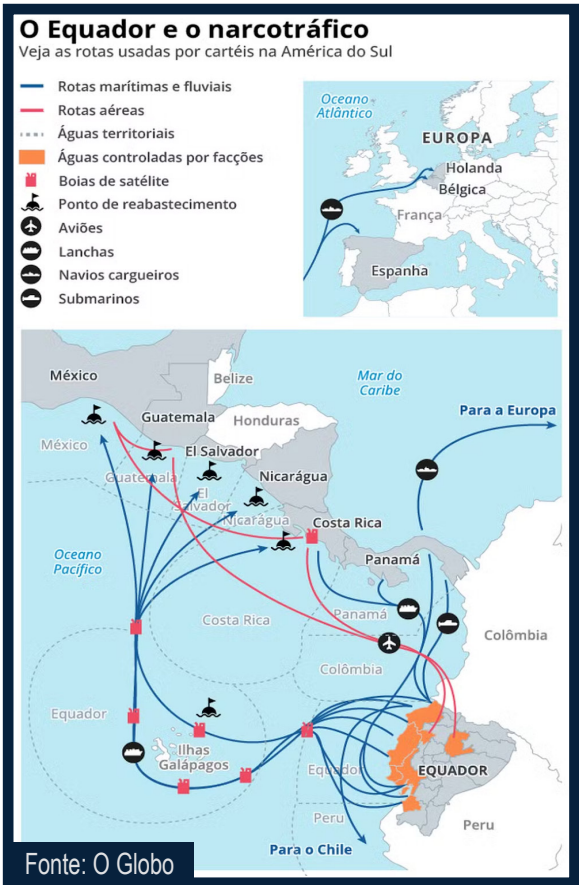
A pós os resultados do referendo que ocorreu no Equador em abril de 2024, o presidente Daniel Noboa enviou à Assembleia nacional do país um pacote de reformas com o intuito de atenuar os altos níveis de criminalidade. Notam-se os esforços institucionais para lutar contra o tráfico de drogas, com apelos à comunidade internacional no combate aos ilícitos transfronteiriços. Assim, quais estratégias Quito tem usado para se contrapor ao narcotráfico?

Na América do Sul, o combate ao crime organizado é prioridade comum nos planos de governantes, tendo em vista o caráter transnacional desse problema. O comércio ilícito se sofisticou até tal ponto em que, atualmente, o Equador é um centro logístico de produção e distribuição de cocaína — não somente um país de trânsito. Para demonstrar que as autoridades colocam esse combate como elemento central de suas políticas interna e externa, o Estado equatoriano assumiu, em março de 2024, a presidência *pro tempore* do Comitê Latino-Americano de Segurança Interior, órgão de cooperação entre os países latino-americanos no enfrentamento dos crimes transfronteiriços. Assim, Quito já propôs algumas linhas de ação conjuntas para áreas como intercâmbio de inteligência entre as forças de segurança, apoio tecnológico e monitoramento dos fluxos das drogas.

Em 17 de maio, Noboa fez um apelo aos países do

Hemisfério Norte, sobretudo aos Estados Unidos, para que ajudassem no combate aos cartéis. Em entrevista, o chefe de Estado relatou que pediu a Washington auxílio no controle da fronteira norte, com a Colômbia, e também da fronteira sul, em direção ao Peru. No entanto, o principal argumento utilizado por Noboa é o de melhorar as estratégias e chegar até a raiz do problema. A solução não seria tão somente o reforço em segurança pública e nas forças militares, mas também o apoio em programas habitacionais, de empregabilidade e de educação para os jovens. Nessa lógica, um jovem em situação de vulnerabilidade teria mais oportunidades fora do crime organizado, o que ajudaria na luta contra as redes transnacionais do tráfico.

Por conseguinte, é evidente como o Equador tem buscado ativamente a cooperação internacional para unir forças capazes de mitigar as cadeias globais de narcóticos. Ao se inserir em diferentes níveis de estratégia, as autoridades equatorianas utilizam-se do multilateralismo para argumentar que a solução para as ameaças transnacionais vai além do fortalecimento da segurança pública, englobando sobretudo políticas públicas de caráter socioeconômico. Entretanto, é importante que a estratégia não deixe de considerar questões relacionadas a corrupção, lavagem de dinheiro e envolvimento de agentes públicos com o narcotráfico.



As eleições mexicanas e o impacto na relação com os Estados Unidos

Gabriel Heil

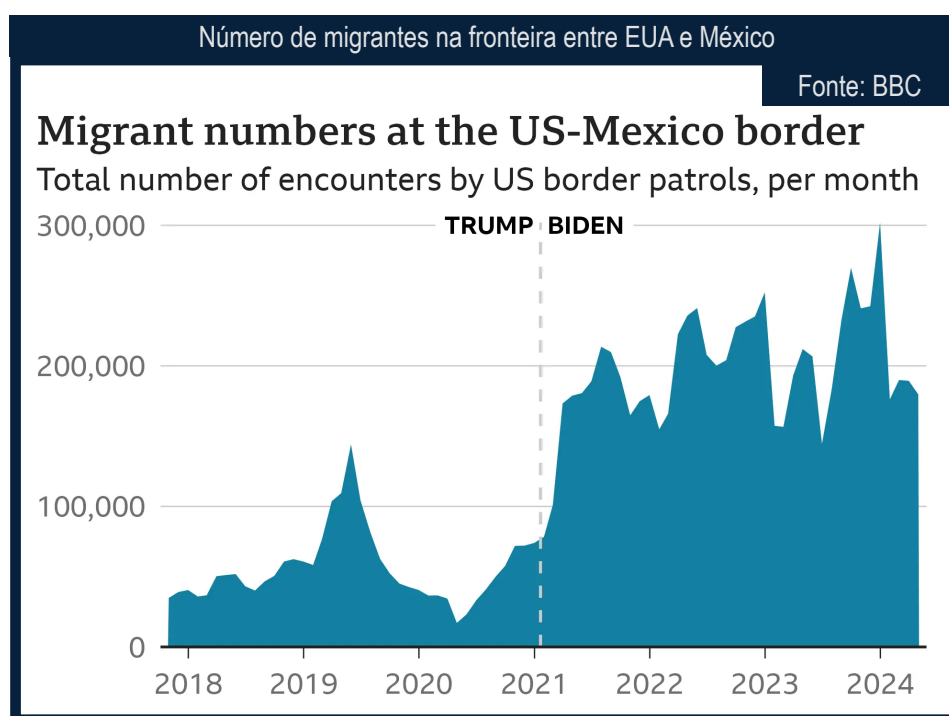
No dia 3 de junho de 2024, o México elegeu como presidente pela primeira vez uma mulher — a candidata do partido Morena Claudia Sheinbaum —, com aproximadamente 60,6% dos votos. Sheinbaum apresenta uma postura mais humanista e ambientalista, o que remonta ao seu período como ministra do Meio Ambiente, prometendo uma solução para a crise migratória e para o tráfico de drogas mexicanos. Assim, de que maneira as posições de Sheinbaum podem afetar a relação com os Estados Unidos (EUA) em temas importantes?

A nova presidente do México assume no dia 01 de outubro, um mês antes das eleições estadunidenses — que, como de praxe, têm a questão migratória como tópico central no discurso eleitoral. Em dezembro de 2023, o fluxo migratório de mexicanos para os EUA aumentou em 31% em relação ao mês anterior, fato que pode tornar o discurso do presidente Joe Biden mais contundente em relação a temática. A principal medida provisória de Biden seria limitar a capacidade dos migrantes de procurar asilo na fronteira, buscando reprimir a entrada ilegal, algo que Sheinbaum repudia, tendo declarado durante a campanha que não receberia

deportados dos EUA. Já Donald Trump aposta em um discurso de associar imigrantes ilegais com contrabandistas e terroristas, visando receber mais votos em estados próximos à fronteira mexicana. Em seu discurso de posse, Sheinbaum afirmou que manterá a relação de amizade com os EUA, porém sempre defendendo os mexicanos do outro lado da fronteira.

Em segundo plano, o narcotráfico é um problema que afeta os dois países, e o México vem sofrendo com os casos de violência ligados aos cartéis. Na eleição de 2024, 321 candidatos foram atacados e 94 assassinados. Nos EUA, o aumento da presença de fentanil, droga que causou 96% dos casos de overdose no país em 2023, reacendeu uma crise antiga. Donald Trump retomou a pauta de construção de um muro entre a fronteira EUA-México durante a sua campanha eleitoral, enquanto Biden aposta em deportar suspeitos de tráfico.

Em suma, o resultado das eleições mexicanas pode abalar as relações bilaterais entre os dois países, podendo piorar a situação para os mexicanos nos EUA. Portanto, aguarda-se o início do governo da nova presidente mexicana, e também as eleições dos EUA, a fim de analisar se as propostas trazidas se efetivarão na prática.



“Obangame Express” 2024: um alerta sobre ilícitos marítimos no Golfo da Guiné

José Ricardo Araujo

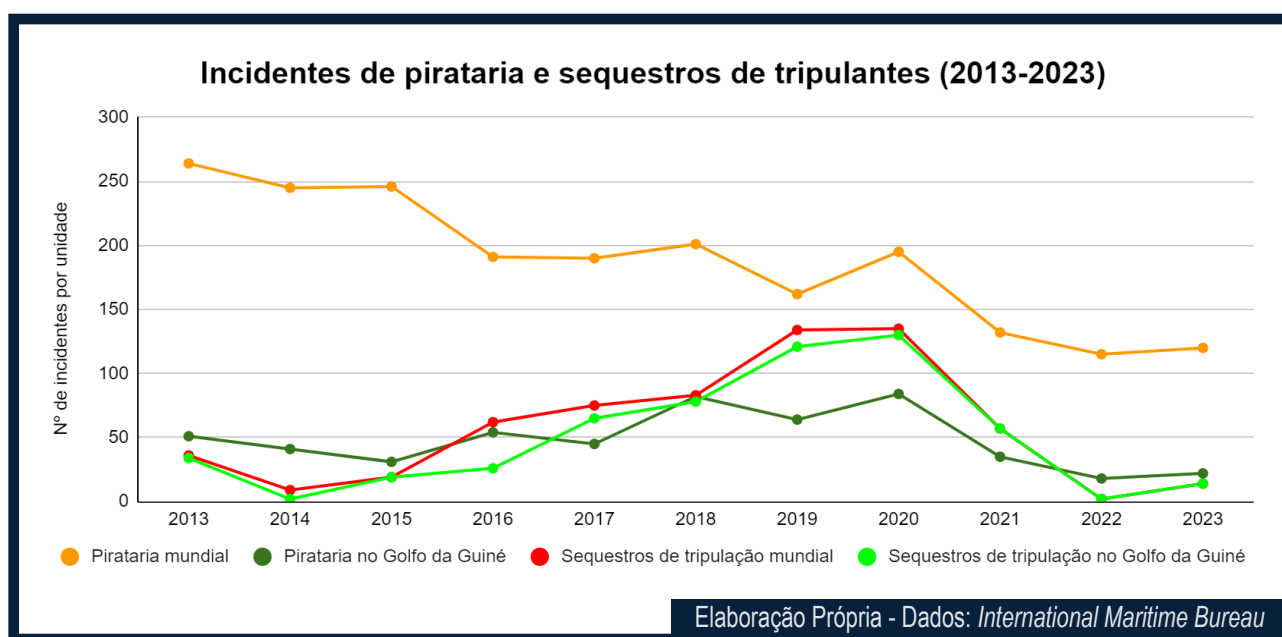
Entre os dias 06 e 17 de maio, ocorreu na costa ocidental africana o exercício de interdição marítima “Obangame Express” 2024, das Forças Navais dos Estados Unidos na Europa e na África (NAVEUR-NAVAF). O exercício contou com a participação de treze Estados — sendo 10 do Golfo da Guiné (GoG, na sigla em inglês) — e com o Navio-Patrolha Oceânico brasileiro “Apa”. Nesse sentido, o treinamento frisou a necessidade de melhoria das capacidades dos Estados do Golfo da Guiné na contenção de ilícitos marítimos. Assim, pergunta-se: qual é o panorama atual de ilícitos marítimos no GoG?

Sobre a pirataria e o roubo armado, a Arquitetura Yaoundé (2013) estruturou um plano de ação holístico para a promoção da segurança marítima no GoG ([Boletim 187](#)). As medidas implementadas resultaram em uma significativa diminuição nos incidentes de pirataria, caindo de 82 em 2018 para 22 em 2023. No primeiro trimestre de 2024, apenas nove incidentes foram reportados. Entretanto, isso não deve levar a uma redução dos esforços de defesa da região, especialmente devido à instabilidade no Mar Vermelho, que elevou o tráfego marítimo da costa ocidental africana ([Boletim 200](#)). Além disso, esse cenário positivo não se repete em outros ilícitos.

Nesse panorama, o combate ainda caminha devagar

em relação aos ilícitos de tráfico de drogas e pesca ilegal, não regulamentada e não declarada (INN). Segundo o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, na sigla em inglês), em 2022 foram apreendidos 1.466 kg de cocaína na África Ocidental — 100 vezes mais do que a média de 13 kg de 2015-2020. Em 2024, o Senegal se destaca por se tornar um atual centro de contrabando, tendo apreendido, em uma única interceptação, quase o equivalente ao ano de 2022 (1.140 kg). Sobre a pesca INN, enfatiza-se os diversos *hotspots* de conflito pesqueiro ao longo do GoG.

Para auxiliar na problemática, o exercício inovou utilizando drones estadunidenses para monitoramento e mitigação de ilícitos marítimos. Esse uso oferece um vislumbre do futuro do combate aos ilícitos africanos, principalmente considerando-se que alguns países, como a Nigéria, vêm buscando oportunidades para a obtenção dessa tecnologia. Contudo, alguns líderes africanos defendem que a solução para esses ilícitos marítimos está não apenas na cooperação, mas também na harmonização e no fortalecimento institucional da defesa do GoG. Nesse âmbito, o Brasil vem se engajando e auxiliando a região a partir de exercícios navais conjuntos, como a “GUINEX” IV (2024), e colaborando em fóruns multilaterais, como a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS).



O impacto das eleições europeias nas políticas de Segurança e Defesa do bloco

Melissa Rossi

O resultado das eleições para o Parlamento Europeu, que ocorreram entre os dias 06 e 09 de junho, trouxe consigo grande questionamento da União Europeia (UE), em particular de Alemanha, França e Itália, sobre o posicionamento em temas ligados à soberania dos Estados membros, entre estes a Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD) do bloco. Apesar de o processo decisório desse tema ser, em grande parte, de natureza intergovernamental (votação no Conselho), questiona-se: a consolidação do Partido Popular Europeu (PPE), de centro-direita, como o mais votado, juntamente ao aumento dos partidos mais populistas e eurocéticos, como o Partido dos Conservadores e Reformistas Europeus (ECR, na sigla em inglês) e o Identidade e Democracia, poderá ter algum impacto em áreas da PCSD?

Primeiramente, é importante lembrar que o Parlamento Europeu não é análogo a um parlamento de um Estado-nação, por não ser capaz de iniciar leis. Juntamente com o Conselho da União Europeia, o Parlamento Europeu somente comenta, aceita ou rejeita propostas de lei da Comissão Europeia, onde de fato se encontra o poder de iniciar leis na UE. Por sua vez, o Conselho também tem quase poder exclusivo na área de defesa. Por exemplo, o Parlamento Europeu não atua na aprovação de missões

militares da UE. Esse poder permanece firmemente protegido pelo Conselho, que decide por meio do voto unânime dos 27 Estados membros.

Contudo, o Parlamento Europeu pode ter influência direta em legislação pertinente à indústria de defesa e à alocação de fundos para tais fins. Além disso, segundo especialistas do *think tank Center for European Reform*, não deve haver um efeito direto das eleições europeias ao apoio à Ucrânia, por exemplo, que deve continuar sólido, visto que tanto o PPE quanto o ECR são grupos políticos pró-Ucrânia e defendem a soberania do país em oposição à invasão russa. Logo, o apoio à indústria de defesa europeia nesse quesito também deve permanecer. É interessante notar que partidos eurocéticos, como o *Fratelli d'Italia*, da primeira-ministra italiana Giorgia Meloni, que fará parte do grupo político do ECR, devem obter mais poder de negociação em temas como Ucrânia ou no apoio da criação de um novo cargo de Comissário de Defesa.

Em resumo, vê-se uma clara guinada das preferências de eleitores europeus à direita, mas é provável que essa tendência não modifique a atual configuração da PCSD, que continuará apoiando a indústria de defesa e a luta da Ucrânia.

DOI 10.21544/2446-7014.n204.p09.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

A importância de países emergentes: a Turquia poderá ser o novo membro do BRICS+?

Vitória França

Atualmente, no cenário global, a Turquia apresenta uma tendência de reposicionamento geopolítico, buscando adquirir maior destaque nos assuntos regionais, mais autonomia na sua política externa e uma maior estrutura nos assuntos internacionais. A recente participação do ministro dos Negócios Estrangeiros da Turquia, Hakan Fidan, nas reuniões dos BRICS+ na Rússia, em junho, sublinha os esforços turcos para aperfeiçoar seu papel no cenário internacional. Embora a Turquia pareça prestes a aderir formalmente ao bloco, permanecem incertezas, incluindo a extensão dos apoios russo e chinês a Ancara, os debates internos sobre a adesão e as reações dos aliados ocidentais. Nesse contexto, cabe questionar quais são os interesses do país ao se alinhar com as potências do bloco emergente.

Embora a atenção internacional seja o foco para o interesse de Ancara em entrar no BRICS+, o debate interno na Turquia é dinâmico e multifacetado, refletindo

algumas perspectivas e preocupações. Os defensores da adesão argumentam que isso criaria oportunidades econômicas significativas para a Turquia, destacando benefícios potenciais, como o aumento do comércio e do investimento estrangeiros. No entanto, os críticos levantam preocupações sobre os desafios, incluindo a necessidade de alinhar as políticas econômicas turcas às dos países BRICS+, especialmente da China.

Internacionalmente, uma das principais motivações para a candidatura da Turquia é a diversificação econômica. Tradicionalmente, o país tem mantido fortes laços com as economias ocidentais, especialmente as da Europa, e com os Estados Unidos (EUA). No entanto, a volatilidade econômica, as tensões políticas e os litígios comerciais sublinharam os riscos de uma dependência excessiva dessas relações. Nesse contexto, à luz do processo de adesão da Turquia à União Europeia, alguns países do bloco europeu têm ressalvas sobre a busca de

Ancara por uma maior autonomia estratégica, vendo-a como contraditória. Além disso, atualmente tem crescido uma lacuna significativa nas relações entre a Turquia e os EUA, causando uma diminuição cooperativa entre os países.

Por fim, cabe ressaltar que o reposicionamento geopolítico significa a busca turca por acessar novos mercados e melhorar as relações comerciais com as principais economias emergentes, além de se alinhar a

países estratégicos que corroboram com seus objetivos mais amplos. Estes objetivos refletem o desejo da Turquia de reforçar seu papel na cena global e garantir parcerias mais diversificadas, tanto no domínio econômico quanto no político. Quer a adesão da Turquia ao BRICS+ se concretize ou não, Ancara procura sublinhar suas ambições estratégicas, refletindo o panorama em evolução de sua agenda de política externa.

DOI 10.21544/2446-7014.n204.p09-10

RÚSSIA & EX-URSS

As dificuldades de uma “paz ucraniana” dentro do contexto russo-ucraniano

Rafael Esteves

Nos dias 15 e 16 de junho de 2024, a Suíça foi anfitriã de uma conferência para promover a paz na Ucrânia. O evento contou com a presença de 90 delegações, as quais discutiram as possibilidades para o estabelecimento de propostas que busquem colocar um fim nos combates em território ucraniano. Apesar dos esforços, não compareceram a essa iniciativa importantes atores, como a própria Rússia, que sequer foi convidada. Assim, questiona-se: qual foi o resultado dessa conferência?

Inicialmente, é importante notar que uma conferência de paz sobre o conflito russo-ucraniano sem a presença da Rússia acaba sendo uma tentativa de a Ucrânia promover a chamada “paz ucraniana”. Tais propostas incluem a retirada das tropas russas do território ucraniano, incluindo a Crimeia. Além disso, a iniciativa na Suíça também busca demonstrar um certo isolamento de Moscou no cenário internacional. Assim, ela esbarra em entraves militares e diplomáticos.

Vale ressaltar que o fracasso da ofensiva ucraniana em 2023 possibilitou a tomada de iniciativa por parte de Moscou em 2024. No decorrer do ano, a Rússia conquistou importantes cidades no *Oblast* de Donetsk, com as principais batalhas ocorrendo ao norte da cidade de Kharkiv e em Chasiv Yar, nos arredores de Bakhmut. Assim, o avanço russo se mostra, por si só,

como um empecilho para as propostas de paz na Suíça, uma vez que qualquer iniciativa ou declaração que tente constranger Moscou acaba não tendo os efeitos políticos e diplomáticos necessários, devido à falta de contrapartida militar.

Como mencionado, apesar do apoio dos Estados Unidos e de aliados, a declaração final da conferência de paz não foi assinada por importantes atores internacionais, destacando África do Sul, Brasil, Índia, Indonésia, México, entre outros. Além disso, sobressai-se a China que, apesar de ser convidada, não enviou representantes à Suíça. Nesse sentido, a falta de adesão de nações emergentes enfraquece as iniciativas da Ucrânia, considerando-se que, ao invés de demonstrar o isolamento de Moscou, na prática ela explicita uma grande quantidade de países que ainda mantêm relações diplomáticas e econômicas com esta.

Assim, conclui-se que, mesmo com o grande esforço de Kiev e seus parceiros, a conferência de paz na Suíça alcançou poucos resultados concretos. Houve um engajamento dos atuais apoiadores da Ucrânia, porém a cúpula não conseguiu garantir maior adesão à ideia da “paz ucraniana”. Com a atual conjuntura militar e a pouca participação de atores emergentes, as atuais iniciativas ainda pouco podem fazer para acabar com o conflito.

DOI 10.21544/2446-7014.n204.p10

Grupo-Tarefa russo em Cuba: impactos internacionais e a questão geoestratégica

Pérsio Glória e Taynah Pires

O conflito na Ucrânia e o aumento das tensões entre Rússia e Ocidente têm elevado os riscos de um confronto nuclear e apresenta desdobramentos em outras partes do mundo. Destarte, como a visita do grupo-tarefa russo a Cuba se encaixa nesse contexto geoestratégico?

Entre os dias 12 e 17 de junho, embarcações russas da Esquadra do Norte realizaram uma visita a Cuba,

ressaltando a importância das relações entre os países ([Boletim 174](#)) e as atuais tensões com o Ocidente. A presença do submarino nuclear de ataque K-561 “Kazan” ([Boletim 131](#)) e da fragata “Almirante Gorshkov” ([Boletim 104](#)) foram destaque, já que as embarcações estavam equipadas com mísseis de cruzeiro e com os mísseis hipersônicos 3M22 “Tsirkon”

(Boletim 163). Ademais, a visita também ocorre em um momento de escalada do conflito ucraniano e das tensões nucleares, dados a permissão dos Estados Unidos para que a Ucrânia utilize armamentos estadunidenses contra alvos no interior da Rússia e os recentes ataques ucranianos aos radares russos de alerta antecipado. Apesar de não portarem ogivas nucleares, ambas as belonaves têm capacidade para emprego desse tipo de armamento, o que evidencia a atuação do poder naval russo na dissuasão nuclear, podendo evocar a Crise dos Mísseis de 1962.

A visita do grupo-tarefa também ressalta as ambições internacionais de Moscou de aumentar sua presença global e melhorar sua articulação com atores que também sofrem pressão do bloco ocidental. Já para Cuba, a presença das embarcações russas em seu território objetiva fortalecer os vínculos cooperativos entre as duas nações. A reaproximação com o país europeu mostra-se benéfica para Havana, considerando-se sobretudo sua atual conjuntura doméstica, desestabilizada por

uma grave crise econômica e política (Boletim 196). Nessa perspectiva, o compromisso russo em restaurar sua parceria histórica e estratégica com a ilha caribenha resultaria na ampliação do intercâmbio comercial e no aprofundamento das relações diplomáticas. Sob a ótica geopolítica, todavia, a movimentação de Moscou foi interpretada como um instrumento de projeção de poder sobre as Américas. Por conseguinte, o governo estadunidense optou por enviar seu submarino nuclear de ataque USS “Helena” para sua base na Baía de Guantánamo. No entanto, Washington considerou a presença russa não como uma ameaça a sua segurança nacional, mas como um exercício de demonstração de força em seu entorno estratégico.

Nesse sentido, a visita do grupo-tarefa russo atende a objetivos internacionais russos e cubanos e também se insere em um contexto de intensificação das disputas geopolíticas e aumento das tensões nucleares com o Ocidente.



DOI 10.21544/2446-7014.n204.p10-11.

LESTE ASIÁTICO

Manutenção dos laços históricos: a visita de Putin a Pyongyang

Maria Eduarda Parracho

Em meio a uma conjuntura internacional disruptiva, com a continuidade do conflito russo-ucraniano e o maior isolamento internacional norte-coreano, Vladimir Putin realizou uma visita histórica à Coreia do Norte no último dia 19 de junho. Frente a uma recepção calorosa do país, que o presidente russo não visitava há 24 anos, foi estabelecido um novo acordo de parceria abrangente entre as duas partes, que substitui as convenções anteriores, de 1961, 2000 e 2001. O novo acordo

estabelece assistência militar mútua caso alguma parte esteja sob ataque. Esse compromisso, de fato, representa uma nova fase de robustecimento dos laços entre Moscou e Pyongyang. Nesse sentido, vale destacar os impactos dessa visita histórica e seus resultados para as partes e a região do Leste Asiático.

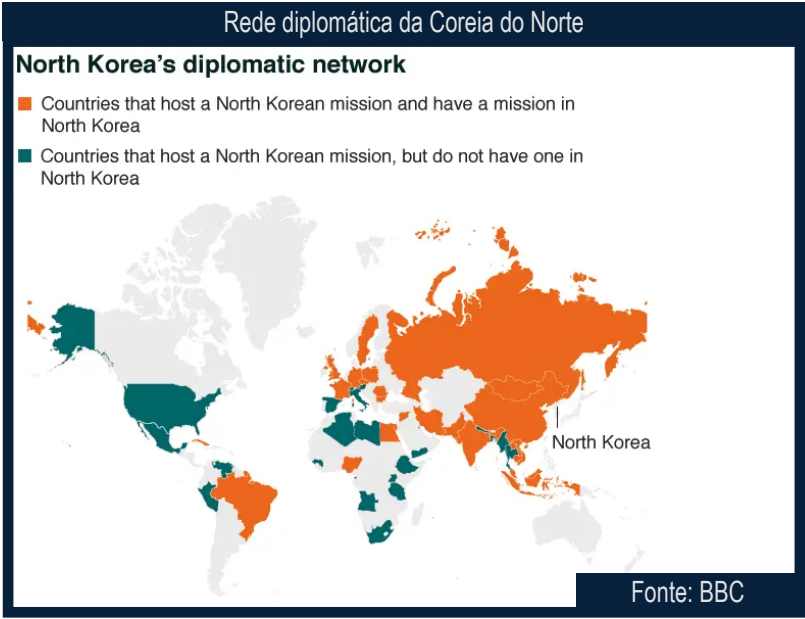
A Rússia enfrenta extremo isolamento internacional, com Putin excluído de eventos multilaterais e sujeito a prisão por decisão do Tribunal Penal Internacional.

O fortalecimento de laços estratégicos com Pyongyang e as missões navais em Cuba mostram o interesse russo em reforçar relações históricas com países de sua zona de influência desde a Guerra Fria, em resposta à “Política Imperialista” dos Estados Unidos (EUA) e aliados. Para Pyongyang, que vive um isolamento semelhante e que sofre há anos com as sanções internacionais, esse novo acordo garante mais segurança à sua soberania, constantemente desafiada pelos exercícios navais protagonizados pelos países vizinhos.

Para a Coreia do Sul, a reunião — e principalmente o novo pacto de defesa entre as partes — foi acompanhada com bastante preocupação. Como visto desde os primórdios do conflito russo-ucraniano, Seul manteve sua postura firme contra as intervenções militares russas na Ucrânia. Assim, o país concede a Kiev ajuda

humanitária, que já ultrapassa os US\$ 394 milhões, e considera juntar-se aos seus aliados, EUA e Japão, para ceder também ajuda militar, o que se tornou um debate polarizado no país ([Boletim 181](#)). Assim, Putin deixou claro que, caso Seul forneça qualquer apoio militar à Ucrânia, como foi ameaçado após a visita, Moscou não iria hesitar em conceder armas para Pyongyang, sobretudo devido à vigência do novo acordo de assistência mútua.

Portanto, o novo pacto de parceria abrangente, considerado como a consolidação mais robusta da aliança de defesa entre a Coreia do Norte e a Rússia pós-Guerra Fria, é uma forma de dissuadir o Ocidente e os países hostis em relação a Pyongyang, o que pode gerar repercussões negativas e afetar o *status quo* do Leste Asiático.



DOI 10.21544/2446-7014.n204 p.11-12.

Japão e Coreia do Sul restabelecem cooperação na área de segurança após anos de tensões

Nina Bonifacio

O ministro da Defesa japonês, Kihara Minoru, e seu homólogo sul-coreano, Shin Won-sik, concordaram em retomar as trocas entre oficiais de Defesa sêniores após uma suspensão de seis anos, decorrente de um incidente ocorrido em 2018. Este acordo foi estabelecido durante o Diálogo Shangri-La, evento que reúne agentes relevantes na área da segurança de diversos países da região da Ásia-Pacífico, realizado em Singapura. Considerando-se que a retomada das trocas entre Japão e Coreia do Sul representa um avanço significativo nas relações bilaterais, quais são as implicações estratégicas desse restabelecimento e de que forma essa reconciliação pode influenciar a dinâmica da relação desses países com a Coreia do Norte?

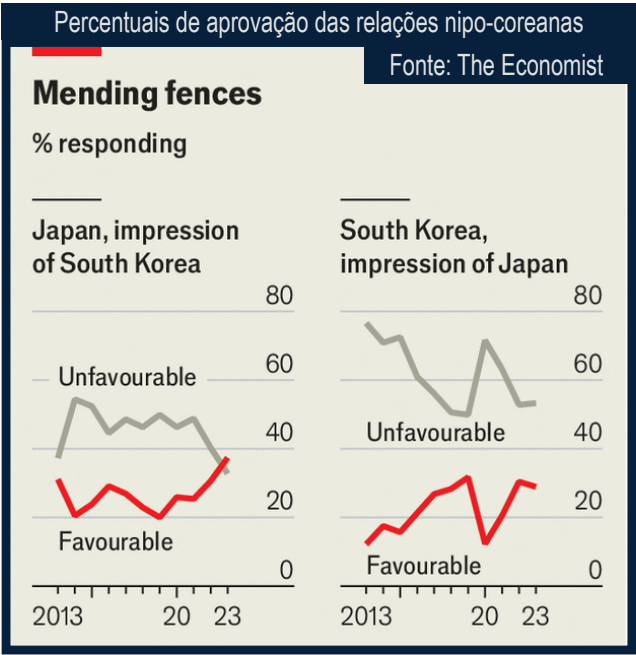
As tensões históricas entre Coreia do Sul e Japão,

envolvendo disputas sobre compensação por abusos japoneses na Segunda Guerra Mundial e a colonização japonesa da Coreia, se intensificaram em dezembro de 2018, após um incidente no Mar do Japão envolvendo uma aeronave de patrulha da Força Marítima de Autodefesa do Japão e um navio sul-coreano, que travou um radar de direção de tiro contra ela. Seul declarou que não estava operando o radar, mas sim rastreando um barco de pesca norte-coreano em perigo naquele momento. Ainda assim, desencadeou-se uma crise diplomática entre os países.

Após anos de tensão, o governo sul-coreano anunciou medidas para resolver processos judiciais relacionados à Segunda Guerra Mundial em 2023, melhorando as relações em vários campos, como política e economia. E, com o acordo mais recente, ambos os governos

esperam que a cooperação bilateral em segurança também melhore. Segundo o comunicado conjunto, Kihara e Shin concordaram que a cooperação de defesa entre Japão e Coreia do Sul é essencial não apenas para conter ameaças da Coreia do Norte, mas também para promover um Indo-Pacífico livre e aberto para todos. Além disso, os dois ministros alcançaram acordos sobre a realização de conversas anuais entre seus Ministérios da Defesa, da retomada de diálogos sobre a região e de intercâmbios de alto nível entre as Forças de Autodefesa do Japão e as Forças Armadas da Coreia do Sul.

O reatamento das relações entre Coreia do Sul e Japão surge em um momento crucial diante da crescente ameaça representada pela Coreia do Norte. Com a intensificação dos testes de mísseis e uma demonstração de capacidade de ameaça sem precedentes por parte do regime norte-coreano, a cooperação entre Seul e Tóquio se torna ainda mais vital para a segurança regional e mundial. O aumento das trocas intergovernamentais e atividades de defesa bilaterais não apenas fortalecerá as capacidades de defesa de ambos os países, mas também estabelecerá uma base sólida para a cooperação em questões globais.



DOI 10.21544/2446-7014.n204.p12-13.

SUL DA ÁSIA

Índia e Coreia do Sul na cooperação cibernética global

Marcelle Torres e Maria Fernanda Császár

O domínio cibernético se revela cada vez mais crítico para a segurança nacional, indo além de ameaças tradicionais e proporcionando novos campos de batalha. Nesse sentido, a Coreia do Sul e a Índia buscam revisar suas abordagens e adotar medidas mais proativas frente à complexidade das ameaças. Um exemplo disso é a segunda edição do *India-Republic of Korea Cyber Dialogue*, ocorrida em maio, que pautou temas de cooperação e promoção da segurança no âmbito cibernético.

Durante o diálogo, representantes sul-coreanos e indianos focaram no desenvolvimento de capacidades e na padronização de respostas, em consonância com suas respectivas estratégias. No caso da Coreia do Sul, a Nova Estratégia Nacional de Cibersegurança elenca três principais características: i) identificação das ameaças cibernéticas e obtenção de capacidade ofensiva

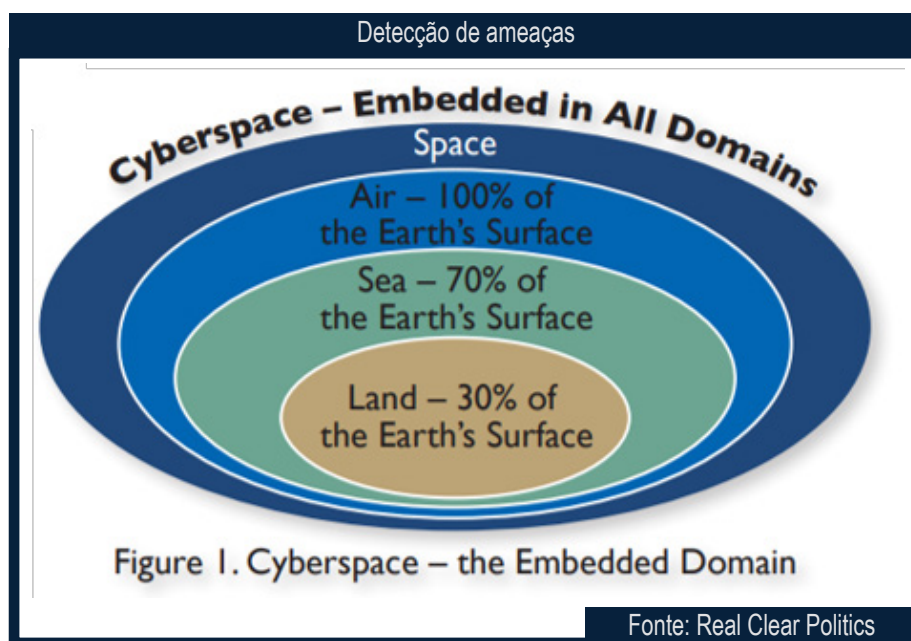
de resposta; ii) cooperação com países aliados e parceiros com a mesma visão, como Estados Unidos, Japão, Reino Unido e países da União Europeia e do Indo-Pacífico; e iii) cooperação público-privada. Além disso, a estratégia destaca tarefas estratégicas, como operações defensivas de defesa cibernética, fomento à cooperação global, proteção de infraestruturas críticas, busca por vantagem competitiva em tecnologias emergentes e reforço da capacidade de resposta integrada sul-coreana.

Iniciada em 2019, a estratégia atualmente reconhece organizações de hackers internacionais e patrocinados por Estados como graves ameaças à segurança nacional. Para além da identificação da ameaça imediata dos ataques hackers norte-coreanos a sistemas financeiros, roubo de informações e propagação de notícias falsas, Seul visa a respostas proporcionais e ações conjuntas.

Para Nova Delhi, a segurança cibernética é especialmente sensível dada a economia digital em expansão. Setores como educação, saúde e agricultura estão cada vez mais dependentes de plataformas digitais, porém a Índia não possui a infraestrutura nem as políticas públicas necessárias para enfrentar as ameaças dessa nova esfera. Além disso, outra preocupação indiana é o crescente fortalecimento das capacidades cibernéticas da China, que podem agravar as já tensas relações entre os vizinhos. Como resposta a esse quadro, em 2019 a Índia criou a Agência Tri-Serviço de Defesa Cibernética, em vez de instituir um Comando Cibernético, como muitos esperavam. Mesmo com recursos limitados,

Nova Delhi publicou, em junho de 2024, a nova doutrina de cibersegurança das Forças Armadas, cujo objetivo é guiar as operações cibernéticas indianas e integrar as três forças de maneira coesa.

Assim, o diálogo entre Nova Delhi e Seul reforça a nova agenda de segurança mundial. Os esforços individuais de cada nação possuem interesses em comum, como uma maior cooperação em exercícios e a construção de mecanismos de combate a ameaças. Contudo, são notáveis as desigualdades entre Coreia do Sul e Índia na questão cibernética, por isso o diálogo se apresenta também como uma tentativa de Nova Delhi de se fortalecer com novos aliados.



DOI 10.21544/2446-7014.n204.p13-14

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

O AUKUS e a segurança marítima do Sudeste Asiático

O acordo trilateral entre Austrália, Estados Unidos (EUA) e Reino Unido (AUKUS) ([Boletim 179](#)) estabelecido em 2021 baseia-se em duas etapas: a primeira refere-se ao desenvolvimento de submarinos convencionalmente armados dotados de propulsão nuclear, além da capacitação dos militares australianos em lidar com essa tecnologia praticamente inédita ao país. A segunda estabelece diversos objetivos mais abrangentes em termos de Defesa, visando desenvolver um sistema acelerador de tecnologia em diversas áreas. As oportunidades apresentadas por esse segundo pilar têm chamado a atenção de nações do entorno, sobretudo de aliados tradicionais dos EUA ([Boletim 186](#)). Contudo, embora seja interessante ter ainda maior proximidade com tais atores, poderia o AUKUS ser estratégico aos países do Sudeste Asiático e beneficiar diretamente a Austrália?

Thayná Fernandes

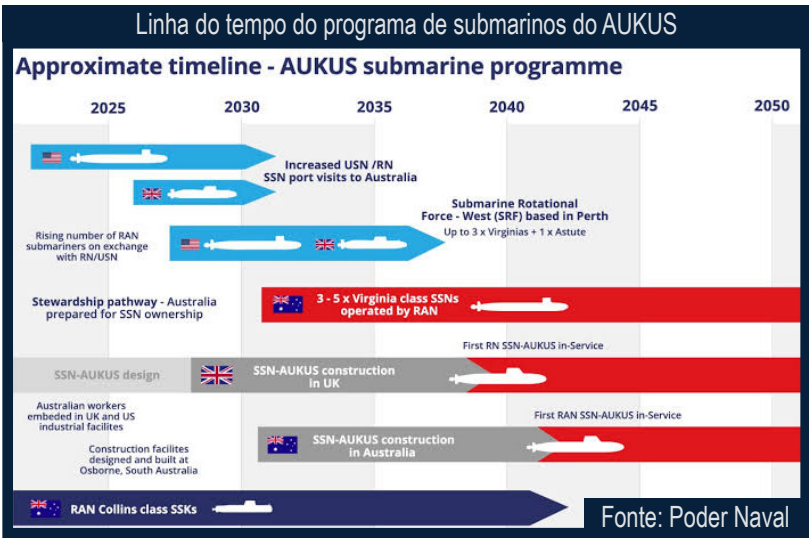
Embora não estejam inseridos na primeira etapa, Canadá, Coreia do Sul, Japão e Nova Zelândia vêm demonstrando interesse em fazer parte do desenvolvimento das capacidades estabelecidas pelo segundo pilar do acordo. Considerando-se que todos os parceiros possuem vasto conhecimento em tecnologia, boas infraestruturas de Defesa, além de serem, com exceção da Coreia do Sul e do Japão, membros da parceria de compartilhamento de informações de inteligência (*Five Eyes*, composto por Austrália, Canadá, EUA, Nova Zelândia e Reino Unido), a possibilidade de integrarem a segunda parte do AUKUS seria bastante vantajosa. Para a Nova Zelândia, seria possível aumentar os investimentos em Defesa, setor que vem recebendo poucos recursos nas últimas décadas. À Coreia do Sul, haveria alinhamento com seu propósito de ampliar suas

capacidades, considerando-se os desafios de segurança na região, além de destacar-se em áreas não tradicionais do setor. Para o Japão, é interessante desenvolver ainda mais seu *know-how* em Inteligência Artificial e, ao Canadá, expandir suas áreas de pesquisa e investimentos.

O grande contraponto do acordo é a China, com seus avanços no Indo-Pacífico. Embora haja preocupações por parte da Austrália, os países que disputam regiões no Mar do Sul da China — Indonésia, Malásia, Tailândia e Vietnã — são diretamente atingidos pelas ações chinesas. Ainda que tenham sido estabelecidas algumas iniciativas de aproximação entre Camberra e essas nações, tais ações são ainda incipientes; caso fossem aprofundadas, poderiam gerar vantagens a ambos os lados, principalmente à Austrália, ampliando sua gama de parceiros regionais e seu acesso a novos mercados,

além de aumentar a possibilidade de destacar-se regionalmente. A inclusão desses países na segunda etapa do AUKUS, por exemplo, criaria uma nova dimensão das parcerias e capacidades a ser desenvolvidas, além de robustecer iniciativas de contraposição à China.

Em suma, para além do desenvolvimento de submarinos de propulsão nuclear, o AUKUS apresenta, em sua base, vastas possibilidades de construção de novos arranjos de segurança regional no Indo-Pacífico; entretanto, para a Austrália, embora seja interessante manter seus aliados tradicionais, os países do Sudeste Asiático apresentam-se como opções mais vantajosas em termos de projeção de poder e desenvolvimento autônomo em capacidades de Defesa, não devendo ser negligenciados.



DOI 10.21544/2446-7014.n204.p14-15

ÁRTICO & ANTÁRTICA

O incômodo chileno com os interesses russos na Antártica

Gabriele Hernandez

Documentos britânicos publicados em maio reacenderam a discussão sobre a exploração antártica, ao reportarem uma pesquisa feita pela Rússia em 2020 visando medir a quantidade de petróleo em um setor do continente ([Boletim 116](#)). Em resposta, autoridades chilenas viajaram à Antártica no mesmo mês e reafirmaram a soberania sobre seu setor reivindicado. A indisposição aponta para a principal questão antártica: a exploração comercial será uma realidade?

A possibilidade de se explorar os recursos minerais do continente é um tema que acompanha a história antártica há quase um século. A operação “Highjump” (1946-1947) foi a maior operação militar na história regional. Encabeçada pela Marinha dos Estados Unidos, tinha como um de seus objetivos a procura por urânio na Antártica, para proveito de seu programa nuclear. Porém, o elemento químico nunca foi encontrado. Na

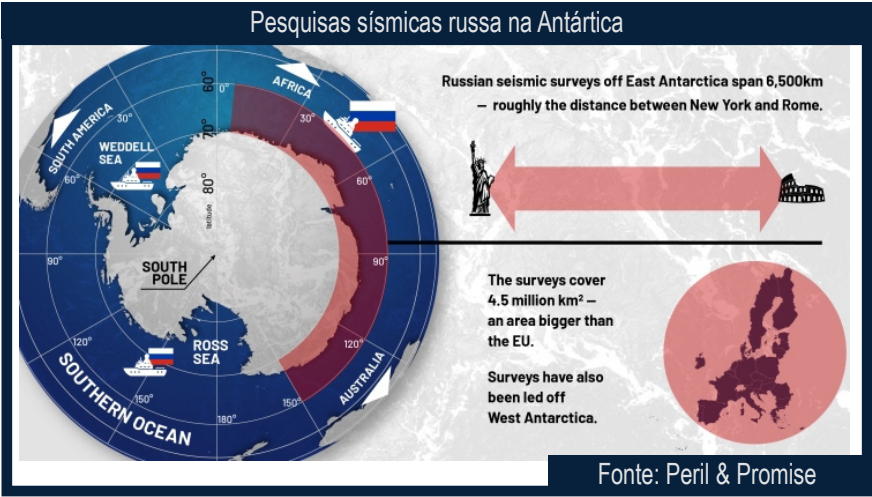
década de 1970, já se especulava que houvesse petróleo e outros minerais na região, quando o próprio Chile levantou a possibilidade de prospecção no continente, sob o contexto da crise do petróleo. Porém a ideia não foi adiante, e em 1998, o Protocolo de Madri impôs moratória sobre a exploração mineral, em vigor até os dias atuais.

É tentador analisar a situação do ponto de vista de um país de pequenas dimensões territoriais se posicionando contra a segunda maior potência militar do globo e uma das maiores potências antárticas, porém a Rússia não dispõe da principal vantagem chilena: o acesso ao continente. O país andino é o mais próximo da Antártica territorialmente, controla nove estações (atrás em número apenas da Argentina) e possui uma cidade portuária (Punta Arenas) adaptada para expedições antárticas e pista de pouso na ilha Rei George, a qual empresta para a

Rússia acessar uma de suas estações. O Chile reivindica território antártico desde 1940, enquanto a Rússia nunca submeteu reclame, herdando sua tradição antártica da URSS, que fora herdada do Império Russo.

Se a exploração mineral do continente ocorrer, ela passará por extensa negociação. Além dos sete Estados que reivindicam territórios na região, a saber, Argentina, Austrália, Chile, França, Noruega, Nova Zelândia e

Reino Unido, outros atores importantes constroem sua tradição antártica no século XXI. A maior riqueza da Antártica, no entanto, não são os combustíveis fósseis, mas a água potável. E, talvez, mais que isso, seu papel de regulador climático, dos microorganismos que produzem desde o oxigênio da Terra ao ciclo de chuvas e a temperatura global. A manipulação de um ambiente tão delicado traz impactos para todo o planeta.



DOI 10.21544/2446-7014.n204.p15-16.

TEMAS ESPECIAIS

O uso de Inteligência Artificial em armas nucleares

Victor Magalhães Longo

Durante uma coletiva de imprensa internacional no dia 02 de maio de 2024, o subsecretário de Estado estadunidense do Comitê para o Controle de Armas, Dissuasão e Estabilidade, Paul Dean, fez um apelo para que China e Rússia se juntem aos Estados Unidos, França e Reino Unido e anunciem que não permitirão que Inteligências Artificiais tenham capacidade de operar ogivas nucleares de forma autônoma. Ainda que nada indique que a aplicação prática desse temor esteja perto de ser concretizada, existiria de fato um potencial de ganho estratégico na utilização de Inteligências Artificiais plenamente autônomas no meio militar-nuclear?

Algoritmos de Inteligência Artificial (IA) são, essencialmente, modelos matemáticos que processam enormes quantidades de dados e traçam correlações entre eles, dando uma resposta baseada em probabilidade. Três grandes vantagens dessa tecnologia chamam a atenção: a velocidade com que resultados podem ser alcançados, sua alta precisão e a ausência da subjetividade humana. Embora essas características possam ser úteis em inúmeras situações, elas podem ser trágicas em outras. IAs não possuem valores morais ou de justiça, nem conseguem entender as consequências de uma decisão. Por essa razão, não há até então confirmação pública de que um sistema militar totalmente autônomo, ou seja,

sem qualquer nível de supervisão humana, esteja em uso operacional.

Já quando se fala em armas nucleares, a sua maior vantagem estratégica é seu incomparável poder de dissuasão. Para isso, o país detentor dos artefatos precisa garantir que: (i) seu arsenal é operacional; (ii) o meio de transporte dos artefatos é operacional e (iii) que, em caso de ataque inimigo, o contra-ataque será garantido. Essa doutrina opera desde meados da Guerra Fria, muito antes das Inteligências Artificiais modernas, e a existência destas últimas não apresenta nenhum fator novo a ser considerado na dinâmica da dissuasão nuclear — pelo contrário, adicionaria um novo ator em um tema bastante sensível. Ademais, a sua previamente mencionada incapacidade de entender consequências seria extremamente grave na questão nuclear, já que uma decisão equivocada traria consequências irreversíveis e de larga escala para toda a humanidade.

Pode-se concluir, portanto, que não há um ganho estratégico relevante em se dar o poder sobre a utilização de um artefato atômico para uma Inteligência Artificial autônoma, dado que tal ato não alteraria a dinâmica da dissuasão nuclear já em voga, e que os riscos de IAs autônomas ainda são difíceis de ser calculados.

DOI 10.21544/2446-7014.n204.p16.

- ▶ [The World of Balance](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman.
- ▶ [The Problem of Abundance](#)
THE FREE PRESS, Martin Gurri.
- ▶ [Role of nuclear weapons grows as geopolitical relations deteriorate](#)
SIPRI.
- ▶ [Old and New Lessons from the Ukraine War](#)
PROJECT SYNDICATE, Joseph S. Nye Jr.
- ▶ [A concept of operations for the U.S Navy's hybrid fleet](#)
CIMSEC, Capitão George Galdorisi.

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Por: José Ricardo Araujo e Maria Fernanda Császár

JULHO

Principais eventos de 01 a 31

03-05  BRASIL 3ª REUNIÃO DE ASSESSORES DO G20	04  REINO UNIDO ELEIÇÕES GERAIS	04-14  OTAN EXERCÍCIO "BREEZE" 24	07  FRANÇA ELEIÇÕES LEGISLATIVAS (2º TURNO)
08-12  REINO UNIDO 132ª SESSÃO DO CONSELHO DA ORGANIZAÇÃO MARÍTIMA INTERNACIONAL	09-11  ESTADOS UNIDOS CÚPULA DA OTAN	15-02  JAMAICA 29ª ASSEMBLEIA DA AUTORIDADE INTERNACIONAL DOS FUNDOS MARINHOS	28  VENEZUELA ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

- **Geopolítica do Estreito de Magalhães: dilema entre Chile e Argentina**
[Guia para entender \(con imágenes\) la controversia entre Chile y Argentina en Tierra del Fuego](#). **ExAnte**, 16 jun. 2024. Acesso em: 20 jun. 2024.
[Expertos critican debilidad diplomática de Chile ante construcción militar de Argentina en territorio de Magallanes](#). **InfoDefensa**, 17 jun. 2024. Acesso em: 20 jun. 2024.
- **As estratégias do Equador para o combate ao narcotráfico**
BAIRES, Lorena. [Comitê Latino-Americano de Segurança Interior promove segurança regional](#). **Diálogo Américas**, 15 mai. 2024. Acesso em: 17 mai. 2024.
[President appeals for Europe help to stop Ecuador drug problem](#). **Daily Tribune**, 17 mai. 2024. Acesso em: 17 mai. 2024.
- **As eleições mexicanas e o impacto na relação com os Estados Unidos**
VERZA, María; STEVENSON, Mark. [Mexico elects Claudia Sheinbaum as its first female president](#). **Associated Press**, 03 jun. 2024. Acesso em: 20 jun. 2024.
MADRY, Kylie Carlos; HILAIRE, Valentine. [Mexico's Sheinbaum wins landslide to become country's first woman president](#). **Reuters**, 03 jun. 2024. Acesso em: 20 jun. 2024.
- **“Obangame Express” 2024: um alerta para o panorama atual de ilícitos marítimos no Golfo da Guiné**
[Thirteen nations participate in Obangame Express 2024 maritime interdiction training in Ghana](#). **US Navy**, 13 mai. 2024. Acesso em: 08 jun. 2024.
[Naval leaders stress need for new laws, coordination to fight maritime crime](#). **DefenceWeb**, 21 mai. 2024. Acesso em: 08 jun. 2024.
- **Impacto das eleições europeias nas políticas de Segurança e Defesa do bloco**
PRESTIGIACOMO, Dario. [Da von der Leyen a Meloni: le 5 donne da cui dipende il futuro dell'Europa](#). **EuropaToday**, 12 jun. 2024. Acesso em: 21 jun. 2024.
[What will the EU Election Results Mean for Europe?](#) **Center for European Reform**, 11 jun. 2024. Acesso em: 22 jun. 2024.
- **A importância de países emergentes: a Turquia poderá ser o novo membro do BRICS+?**
[Fidan holds talks in Russia as Türkiye inches closer to BRICS](#). **Daily Sabah**, 11 jun. 2024. Acesso em: 22 jun. 2024.
WANG, Orange. [China eyes closer ties with Turkey to take on global 'power politics'](#). **South China Morning Post**, 04 jun. 2024. Acesso em: 22 jun. 2024.
- **As dificuldades de uma “paz ucraniana” dentro do contexto russo-ucraniano**
KEATEN, J. [78 countries at Swiss conference agree Ukraine's territorial integrity must be basis of any peace](#). **Associated Press**, 16 jun. 2024. Acesso em: 19 jun. 2024.
[Summit on Peace in Ukraine](#). **Switzerland Federal Department of Foreign Affairs**, 2024. Acesso em: 06 jun. 2024.
- **Grupo-Tarefa russo em Cuba: impactos internacionais e a questão geoestratégica**
[Russian navy fleet, including frigate, nuclear-powered sub, arrives in Cuba](#). **Al Jazeera**, 13 jun. 2024. Acesso em: 20 jun. 2024.
GAMBA, Laura. [Russian warships withdraw from Cuba, leaving trail of tension](#). **Anadolu Agency**, 18 jun. 2024. Acesso em: 21 jun. 2024.
- **Japão e Coreia do Sul restabelecem cooperação na área de segurança após anos de tensões**
LIM, Eujung. [Security Cooperation Between South Korea and Japan Needs Strong Leadership Japan and South Korea agree to prevent repeat of 2018 naval row](#). **Asia-Pacific Leadership Network**, 06 jan. 2023. Acesso em: 06 jun. 2024.
DOMINGUEZ, Gabriel. [Japan and South Korea agree to prevent repeat of 2018 naval row](#). **The Japan Times**, 01 jun. 2024. Acesso em: 06 jun. 2024.
- **Manutenção dos laços históricos: a visita de Putin à Pyongyang**
[Putin says Russia and North Korea will help each other if attacked, taking ties to a 'new level'](#). **CNN**, 19 jun. 2024. Acesso em: 22 jun. 2024.
[Putin says Russia may send weapons to North Korea](#). **Al Jazeera**, 20 jun. 2024. Acesso em: 22 jun. 2024.
- **Índia e Coreia do Sul na cooperação cibernética global**
KIM, So Jeong. [ROK's New National Cybersecurity Strategy and Its Implications](#). **Institute for National Security Strategy. Issue Brief**, Vol. 106, N. 3, 2024. Acesso em: 21 jun. 2024.
[Armed forces formulate new doctrine for cyberspace operations](#). **Times of India**, 18 jun. 2024. Acesso em: 21 jun. 2024.
- **O AUKUS e a segurança marítima do Sudeste Asiático**
NGUYEN, Han. [Southeast Asian maritime security: Australia can help](#). **Lowy Institute**, 06 fev. 2024. Acesso em: 07 jun. 2024.
JAMES, William; BRUNNSTROM, David. [US, UK, Australia consider Japan's cooperation in AUKUS security pact](#). **Reuters**, 09 abr. 2024. Acesso em: 07 jun. 2024.
- **O incômodo chileno com os interesses russos na Antártica**
ALI, Saleem H. [Russia's Oil Exploration in Antarctica threatens Science Diplomacy?](#) **Forbes**, 25 mai. 2024. Acesso em: 20 jun. 2024.
[In message to Russia, Chilean lawmakers meet in Antarctica to underline territorial claims](#). **AP News**, 24 mai. 2024. Acesso em: 20 jun. 2024.
- **O uso de Inteligência Artificial em Armas Nucleares**
[Digital Press Briefing with Paul Dean, Principal Deputy Assistant Secretary in the Bureau of Arms Control, Deterrence, and Stability](#). **Departamento de Estado dos Estados Unidos**. 02 mai. 2024. Acesso em: 17 mai. 2024.
PUWAL, Steffan. [Should artificial intelligence be banned from nuclear weapons systems?](#). **Nato Review**. 12 abr. 2024. Acesso em: 17 mai. 2024.

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Kaike Mota

► ALTO RISCO:

- HAITI - Conflitos internos: [Kenyan police force to leave for UN-backed Haiti mission on Tuesday](#). **France 24**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- IÊMEN - Crise estrutural e regional: [Spies worked on sabotaging Yemen economy in cooperation with US](#). **Al Mayadeen**, 22 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- ISRAEL - Conflito regional: [Israeli strikes on tent camps near Rafah kill at least 25 and wound 50, Gaza health officials say](#). **Associated Press News**, 22 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- LÍBANO - Crise estrutural: [The leader of Lebanon's Hezbollah militant group warns archenemy Israel against wider war](#). **Associated Press News**, 20 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- MAR VERMELHO - Ataque às embarcações: [Houthis claim attacks on two ships in Red Sea and Indian Ocean](#). **Reuters**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- MIANMAR - Conflito interno: [Myanmar airstrike on monastery where villagers were sheltering kills 17 activists](#). **Radio Free Asia**, 24 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [DR Congo Militia Kills More Than 20 In Village Raid](#). **Barron's**, 21 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Russia says US is responsible for deadly Ukrainian attack on Crimea](#). **Reuters**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [African Union Approves New Security Mission in Somalia](#). **Sputnik News**, 22 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- SUDÃO - Conflito interno: ['Don't forget Sudan,' says UN Refugee chief as war displaced face hunger](#). **Africa News**, 21 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Crise regional: [Poland-Belarus: Tsikhanowskaya warns against closed borders](#). **BBC News**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- BOLÍVIA - Crise sociopolítica - **NOVO NO MAPA**: [Bolivia coup attempt fails after military assault on presidential palace](#). **Reuters**, 27 jun. 2024. Acesso em 27 jun. 2024.
- BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [Burkinabe leader visits country's main TV station after alleged attack](#). **Africa News**, 21 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- GUINÉ - Crise sociopolítica: [Le RPG-AEC appelle à la mobilisation pour contraindre le CNRD à respecter le délai de la transition](#). **MosaïqueGuinee**, 22 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.
- IRÃ - Instabilidade regional: [Israeli offensive into Lebanon risks Iranian response to support Hezbollah, US military leader says](#). **Associated Press**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• IRAQUE - Crise regional: [Yemen's Houthis claim joint raid on Israeli ships with Iraqi militia](#). **Al Jazeera**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• MALI - Crise sociopolítica: [Arrestation de onze opposants politiques au Mali : est-on en face d'un nouvel acte de répression?](#) **Afrik.com**, 21 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Philippines condemns China's 'illegal use of force' in sea clash](#). **Voice of America**, 24 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• NÍGER - Crise sociopolítica: [Key Member of Terrorist Group Eliminated by Nigerien Military, Army's Statement Says](#). **Sputnik News**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [Panamanian president-elect offers Biden deal to shut down Darien Gap, a main migration route to U.S.](#) **The Latin Times**, 24 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• SÍRIA - Crise regional: [US Base in Syria Comes Under Attack After Months of Relative Calm](#). **Iran International**, 22 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• VENEZUELA - Crise sociopolítica: [Maduro acusa seu principal rival na eleição de planejar golpe de Estado na Venezuela](#). **Carta Capital**, 21 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

► EM MONITORAMENTO:

• AFGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: ['Humanitarian needs in Afghanistan remain alarmingly high'](#). **Anadolu Ajansi**, 21 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Instabilidade regional: [EU welcomes proposal to set up mechanism to address Armenia-Azerbaijan truce violations](#). **News.Az**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• COREIA DO NORTE - Instabilidade regional: [US aircraft carrier arrives in South Korea as Russia-North Korea defense pact deepens regional fears](#). **CNN**, 24 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• COLÔMBIA - Instabilidade sociopolítica: [En Jamundí, los soldados custodian a la policía](#). **El País**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Bukele diz que não recuará “um passo” nas políticas de combate às gangues](#). **Gazeta do Povo**, 21 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [La violencia de las pandillas acaba con los pueblos de pescadores en Guayaquil: “Esto es un cementerio”](#). **El País**, 24 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• ETIÓPIA - Instabilidade interna: [Ethiopia: New playground for international drug traffickers?](#) **The African Report**, 20 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• GABÃO - Instabilidade política: [Vote du code électoral par les députés: “Nuages sur la «restauration des institutions”](#). **Gabon Review**, 21 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• GUIANA E VENEZUELA - Disputa regional: [Tensão na América do Sul: Venezuela e Guiana em conflito. Saiba como o exército brasileiro está lidando com a crise na fronteira e as implicações para o Brasil](#). **Revista Sociedade Militar**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• ÍNDIA - Instabilidade social: [Manipur violence: Protests against heavy security deployment in valley districts of state](#). **India Today**, 24 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• LÍBIA - Instabilidade sociopolítica: [Libya delays reopening Ras Jedir border crossing with Tunisia](#). **The New Arab**, 24 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Cabo Delgado: Autoridades anunciam centros para acolher insurgentes que se rendam](#). **RFI**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• NICARÁGUA - Instabilidade sociopolítica: [Nicaragua Establishes Diplomatic Ties with Taliban-led Afghanistan](#). **The Tico Times**, 22 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• NIGÉRIA - Instabilidade interna: [7 killed, dozens missing after gunmen attack in northern Nigeria](#). **Voice of America**, 23 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Pakistani Security Forces Killed In Bomb Attack Claimed By Tehrik-e Taliban](#). **Radio Free Europe**, 21 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Instabilidade sociopolítica: [Cinq personnes tuées par des hommes armés au nord du pays](#). **TchadInfo**, 20 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.

• TAIWAN - Disputas regionais: [China presses Global South leaders to support Taiwan 'reunification'](#). **Nikkei Asia**, 24 jun. 2024. Acesso em: 24 jun. 2024.